

**A ANÁLISE DO DISCURSO
NA LINGUAGEM HIPERTEXTUAL**

Silvia Maria Pinheiro Bonini Pereira
sbonini@terra.com.br

BREVE EVOLUÇÃO DA LEITURA

A socialização da rede mundial de computadores transformou a sociedade e, conseqüentemente, as relações estabelecidas na aquisição do conhecimento e do aprendizado. As alterações são observadas principalmente na velocidade que o indivíduo acessa e obtém as informações. Neste conjunto, tem-se o hipertexto e sua influência na formação intelectual do sujeito.

Conceitualmente, o termo hipertexto pertence à ciência da computação, mas sua caracterização permeia todas as áreas do conhecimento, da informática à educação, passando pela Linguística. Por meio da tecnologia existente no hipertexto, os indivíduos têm acesso a diversas informações, bem como a outros documentos, através das referências internas contidas no texto, chamadas de *hyperlinks*.

Em verdade, verifica-se o rompimento do fluxo da leitura, pois, através dos *links*, acessa-se outros textos que podem ser do mesmo autor e, portanto, ratificar o texto produzido por este; ou de autores distintos e, neste sentido, dialogarem com o texto inicialmente proposto; ou, na pior das hipóteses, representar a condução ideológica do produtor do texto, ao selecionar e articular com os *links* disponibilizados ao leitor.

A falta de linearidade consiste nas infinitas possibilidades de descerramentos que surgem no decorrer da leitura, em virtude das referências fornecidas no texto. Aparece, neste momento, a indagação: será que o leitor terminará a leitura ou divagará nos *hyperlinks*?

Luiz Antônio Marcuschi (2001), renomado pesquisador da linguagem hipertextual, entende este período literário como uma redefinição da aceção de sujeito-autor e sujeito-leitor. Assim, o autor, ao selecionar os *links* pertinentes, cunha o texto; e, de outra banda, o leitor refaz a narrativa, uma vez que a recria.

ANÁLISE DO DISCURSO

Embora, em um texto linear tal “*link*” mental também seja possível, haja vista que o leitor, ora co-autor, também recria a narrativa segundo seu contexto de mundo, deve-se refletir sobre a ordenação da leitura hipertextual. Análise esta, amparada na multiplicação de informações e opiniões referenciadas no texto, que, podem impedir o término da leitura; e reproduzir ideologias e conduzir opiniões.

O MILAGRE DA MULTIPLICAÇÃO DAS INFORMAÇÕES

Voltando-se para o leitor do hipertexto, questiona-se os efeitos práticos deste sob o ângulo do leitor despretenso, ou seja, aquele que busca em um documento digital uma informação, um conhecimento, um aspecto da cultura, uma reflexão, ou, até mesmo, um momento de prazer. Neste sentido, indaga-se se, realmente, há a recepção do texto ou o acesso aos *hiperlinks* fez com que o leitor desviasse a atenção da leitura inicial.

A sociedade mudou, conseqüentemente, o espaço e tempo da leitura também se alteraram. Tais ilações remetem ao contexto atual de fugacidade e da fragmentação, já que o tempo da leitura apresenta-se instantâneo, pois, para se ter acesso às informações, basta “acessar” a internet e “buscar” o que se pretende conhecer. Bem como o espaço da leitura, que se deslocou da cabeceira da cama ou do custo da poltrona, para o ereto da cadeira e o iluminado do monitor.

Diante das mudanças conjeturais, muitos autores partilham o entendimento que, por questões culturais e de adaptação, há resistência a leitura hipertextual, alegando que

O livro impresso é objeto de consumo descartável, graças ao uso constante e aos acidentes de percurso (inundações ou vazamentos, fogo, fungos, irascibilidade dos tiranos de plantão, desespero dos estudantes em época de provas, vandalismo). O texto eletrônico está sujeito à vontade do armazenador e aos acidentes (falta de nós de comunicação ou de energia elétrica, ausência de cópia de segurança). Ambas as técnicas sugerem pontos negativos e positivos (portátil e não elétrico) compete com o minimalismo e o baixo custo de armazenamento do texto eletrônico (Jobim, 2005, p. 17).

Não se pode ignorar que a informática trouxe evolução e, com isso, benefícios – e malefícios. Contudo, enquanto não houver a propagada mudança cultural, deve-se questionar a eficácia da leitura no

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

campo da Linguística, em especial, no aspecto da linguagem humana; e, principalmente, na compreensão e interpretação dos textos lidos. Uma vez que, o texto inicial pode se fragmentar, de sorte que não haverá a proficiência do que foi lido.

Por estar presente em todas as áreas do saber – já que, diante da interdisciplinaridade, intertextualidade e interdiscursividade, não existem categorias isoladas – o indivíduo para se apropriar eficazmente do hipertexto necessita do conhecimento multidisciplinar e concreto de todas essas classes. Neste sentido, argumenta-se sobre a apropriação genérica de cada categoria, porém tal processo não requer uma simples aproximação, mas sim o conhecimento das especificidades de cada uma delas. Portanto, para a apreensão do hipertexto, em sua totalidade, exige-se mais do que a capacidade de interpretação, também o desenvolvimento mental e teórico do sujeito, tornando-o apto a categorizar, sistematizar e problematizar.

Qualquer leitor de hipertexto menos sistematizado estará, no final da leitura – caso consiga finalizá-la – distante do texto inicial, independente de sua “capacidade intelectual”. Neste aspecto, nem mesmo o mais otimista defensor do texto digital pode escusar que, em havendo a fragmentação do objetivo literário inicial, surge o desvio de finalidade, com suas consequências. Então, questiona-se se a irregularidade na leitura poderia ser considerada aprendizado ou se representaria um *deficit* no conhecimento.

Por outro lado, a construção do pensamento através da linguagem, durante muitos anos, foi ignorada, por ter sido considerada “inata” ao falante. Assim, a linguagem teve seu campo de estudo reduzido à concordância morfológica e semântica, ou seja, a linguagem escorreita. Neste ínterim, o que sempre existiu – e se ensinou – foi a assimilação passiva do pensamento do autor, muitas vezes, ideológico, autoritário, preconceituoso, narcisista e metodológico.

Não se ouvida que a manipulação linguística está presente em todo o texto. Porém, em um texto linear, por exemplo, o sentido pode ser invertido e manipulado pelo uso de aspas ou de vírgulas, já que há a capacidade, ainda que limitada, de reflexão e de contra-argumentação. Por outro lado, o autor de um hipertexto pode manejar o leitor ideologicamente ao determinar a condução e a conclusão do

ANÁLISE DO DISCURSO

texto através dos *links*, sob o manto do estreitamento da dicotomia autor-leitor.

Neste ponto, cumpre retomar as alegações sobre o desconhecimento das tendências ideológicas. Sabe-se que toda linguagem reproduz um ponto de vista específico sobre o mundo, ou seja, uma interpretação verbal, com sentido histórico e social. Deste modo, todas as palavras evocam uma profissão, um gênero, uma tendência, um momento social, histórico ou político, conforme esclarece Morin (1986, p. 91-2), para quem

As ideologias nos possuem porque as possuímos: passamos a identificá-las conosco, com nossas necessidades, aspirações, esperanças, experiências, com nossas próprias vidas [...]. É preciso não só ver como lutamos com nossas ideias, mas também como os sistemas ideológicos se autodefendem, contra-atacam, atacam, como sistemas [...].

Portanto, para que haja apreensão da leitura hipertextual, o leitor precisa ser detentor de informações genéricas e vastas. Visto que dialoga com diversas dimensões de expressões – que representam registros verbalizados de mundo – pertencentes às diversas classes de locutores, que, muitas vezes, condicionam e determinam diretamente a contextualização do que está sendo lido.

Ressalta-se que o presente artigo não tem por escopo propagar a ineficácia do hipertexto. O que se pretende, todavia, é examinar, de um lado, a liberdade ideológica e, aparentemente neutra, das referências hipertextuais selecionadas pelo autor e sua consequência no processo de aprendizagem. E, de outro, a dificuldade de o leitor apreender e, principalmente, questionar o que está sendo ilustrado.

Em compensação, o leitor se posiciona no centro da estrutura das relações hipertextuais e tem a faculdade de “construir” o texto segundo sua visão de mundo, juntamente com as referências apresentadas pelo autor. Bem como, escolher se deve acessar *hyperlinks*.

A ANÁLISE DO DISCURSO NA LINGUAGEM HIPERTEXTUAL

Com relação ao hipertexto, aborda-se, através da análise do discurso, uma perspectiva que extrapola o significado “literal” das palavras, buscando, na sua relação com a exterioridade, as condições

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

em que foi produzido. Assim, analisa-se o porquê da produção do discurso e como o mesmo foi contextualizado pela sociedade.

Neste contexto, ingressa-se na análise da intertextualidade do discurso como mudança social, que, de forma simplificada e redundante, consiste no diálogo que o mesmo faz com outros discursos.

Observa-se, neste sentido, que nos estudos sobre hipertexto há uma pressuposição, estabelecida como verdade, da inevitabilidade do texto digital, e mais, que a resistência acadêmica ao mesmo, representa, apenas, uma questão cultural a ser superada.

Contudo, sob a perspectiva da análise do discurso como extensão linguística, observa-se o caráter conflituoso do hipertexto, enquanto linguagem, uma vez que esta “*passa a ser um fenômeno que deve ser estudado não só em relação ao sistema interno [...], mas também, enquanto formação ideológica.*” (Brandão, 2007, p. 15-6).

Na mesma linha, para Stuart Hall (2006, p. 41) a constituição dos sujeitos no discurso, frente às práticas discursivas, em um processo de transformação e de mudanças, também está presente nas questões midiáticas, pois

Os significados das palavras não são fixos, numa relação um a um com os objetos ou eventos no mundo existente fora da língua. O significado surge nas relações de *similaridade* e diferença que as palavras têm com outras palavras no interior do código da língua. [...] O que os modernos filósofos da linguagem como Jacques Derrida, influenciados por Saussure e pela ‘virada linguística’ – argumentam é que, apesar dos seus melhores esforços, o/a falante individual não pode, nunca, fixar o significado de uma forma final, incluindo o significado de sua identidade [...]. O significado é inerentemente instável: ele procura o fechamento (a identidade), mas ele é constantemente perturbado (pela diferença).

Ainda na perspectiva das práticas discursivas enquanto mudança, Fairclough argumenta que não se pode dissociar o discurso do fenômeno social, uma vez que

É importante que a relação entre discurso e estrutura social seja considerada como dialética para evitar os erros de ênfase indevida; de um lado, na determinação social do discurso, e, de outro, na construção social do discurso. No primeiro caso, o discurso é mero reflexo da realidade social mais profunda; no último, o discurso é representado idealizadamente como fonte social. (2001, p. 92-3)

ANÁLISE DO DISCURSO

Assim, ao se analisar um discurso não se deve apenas verificar a construção interdiscursiva, também é necessário observar a identificação dos sujeitos àquele discurso. Elemento este que ainda não ocorre, em termos culturais e majoritários, com os leitores de hipertexto.

Como se observa, o estudo sobre hipertexto conduz às noções históricas dos processos de dominação e de ideologia, esta entendida como “*relação imaginária de indivíduos com suas reais condições de existência*” (Brandão, *op. cit.*, p. 24). Desse modo, torna-se imperativo ir além das questões culturais que incentivem, apenas, o acesso à inclusão digital e às informações midiáticas a partir dos interesses individuais, pois o que se está em cheque é o potencial de inteligência e discernimento social, enquanto sociedade em construção.

Destarte, não se podem acatar propostas cognitivas que desconsiderem a tendência tecnológica contemporânea. No entanto, também não se pode ignorar a propagação ideológica do suposto acesso ao conhecimento proporcionado pela postura ativa do leitor do hipertexto. Neste ínterim, torna-se premente que o leitor esteja apto a compreender e identificar a origem da informação que lhe é apresentada, para transformá-la em conhecimento e modificar a sociedade. E, para tanto, deve-se proporcionar aos indivíduos a possibilidade de obtenção de múltiplas competências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo procurou problematizar a compreensão do leitor de hipertexto. Assim, através da perspectiva da análise do discurso, foi questionado o papel do autor na seleção dos *hyperlinks*, considerando o feito ideológico do discurso enquanto mudança social. Por sua vez, a formação discursiva do leitor foi inferida, em termos de sua capacidade intelectual na escolha das referências sugeridas, da apreensão da leitura, da retomada do texto inicial e, principalmente, da percepção ideológica do contexto apresentado.

Nesse sentido, a riqueza oferecida pela acessibilidade de informações produzidas pelo hipertexto pode ser enfraquecida se analisadas isoladamente, ou seja, fora do contexto discursivo e social. Portanto, diante das contradições materializadas pela multiplicidade

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

de categorias envolvidas e pela pluralidade de perspectivas, a função cognitiva do hipertexto, ainda, apresenta aspectos imprecisos, que demandam análise e estudo aprofundado. Para tanto, a análise crítica do discurso apresenta significativas contribuições.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas: UNICAMP, 2007.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: UnB, 2001.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JOBIM, José Luís (org.). *Literatura e informática*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. Recife: UFPE. *Linguagem & Ensino*, vol. 4, nº 1, 2001, p. 79-111.

MORIN, Edgard. *Para sair do século XX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.